

ECO E NARCISO

leituras de um mito

AUTORES E TEXTOS DA ANTIGUIDADE

seguidos de uma

Antologia de Autores Portugueses
ou de Língua Portuguesa

Organização de
Abel N. Pena

*Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa*

Cotovia
Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Este livro é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2013.

Título: *Eco e Narciso, leituras de um mito*

© Dos Autores e de Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2017
© Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 2017

Todos os direitos reservados.

ISBN 978-972-795-382-0
ISBN 978-972-9376-45-0

Índice

Préfacio de Abel N. Pena	p. 9
Introdução de Nereida Villagra	15

TEXTOS E FONTES DA ANTIGUIDADE

Cónon, <i>Diegeseis</i> 24, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	35
Papiro Oxirrincó (<i>P. Oxy.</i>) 69.4711, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	36
Filóstrato, o Velho: Narciso, <i>Imagens</i> 1, 23, trad. do grego de Eduardo Ganilho	38
Calístrato, o Sofista: À estátua de Narciso, <i>Descrições</i> 5, trad. do grego de Eduardo Ganilho	41
Pausânias, <i>Descrição da Grécia</i> 9.31.7-9, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	43
Longo, <i>Dáfnis e Cloe</i> 3.22-23, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	45
Severo de Alexandria, <i>Narciso</i> , trad. do grego de Nereida Villagra	47
Nono de Panópolis, <i>Dionisiacas</i> 48.570-589, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	48
<i>Antologia Palatina</i> 11.76, trad. do grego de Nereida Villagra	50
<i>Antologia Palatina</i> 9.27, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	51
Ovídio, <i>Metamorfoses</i> 3.339-510, trad. do latim de Paulo Farmhouse Alberto	52
<i>Primeiro Mitógrafo do Vaticano</i> II. 83, trad. do latim de Maria Luísa Resende	58

ANTOLOGIA DE AUTORES PORTUGUESES OU DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. Do Renascimento ao Barroco.

Seleção e organização de Ana Filipa Gomes Ferreira

<i>Cancioneiro Geral</i> de Garcia de Resende	63
Luís Vaz de Camões	66

Diogo Bernardes	73
Gregório Silvestre	75
Jerónimo Corte Real	78
Pedro de Andrade Caminha	79
Manuel de Faria e Sousa	80
D. Francisco de Portugal	85
Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco	86
Manuel da Veiga Tagarro	87
Jacinto Freire de Andrade	89
Francisco de Vasconcelos Coutinho	93
Bibliografia activa	94

2. Do século XVIII ao século XXI.

Seleção e organização de Ricardo Nobre

Soror Maria do Céu	97
Manuel Maria Barbosa du Bocage	98
António Feliciano de Castilho	99
António do C. Ferreira de Simas	113
Luís de Montalvor	115
José Régio	120
Fernando Pessoa	121
Eugénio de Andrade	123
Irene Lisboa	126
Sebastião da Gama	129
Alberto de Lacerda	130
Sophia de Mello Breyner Andresen	131
Miguel Torga	132
José Gomes Ferreira	134
João Maia	135
Fernando Guimarães	136
David Mourão-Ferreira	137
Jorge de Sena	138
Ruy Cinatti	139
Nuno Júdice	140
Ricardo Marques	142

Jordi Pàmias, <i>Narcís i l'altre</i> , selecção e tradução de Nereida Villagra	143
---	-----

BIBLIOGRAFIA	149
--------------	-----

Longo

(séc. II d.C.)

Dáfnis e Cloe 3.22-23 (Eco)

Tradução de RUI CARLOS FONSECA

Rindo docemente e dando-lhe beijos ainda mais doces, Dáfnis colocou a coroa de violetas na cabeça de Cloe e começou a contar-lhe o mito de Eco, pedindo pelo desempenho da tarefa de educador o pagamento de outros dez beijos.

“A linhagem das Ninfas, minha querida pupila, é numerosa: há as Mélias¹⁵, as Driades¹⁶ e as Heleias¹⁷. Todas elas são formosas e todas são musicais. Eco é filha de uma dessas Ninfas: não só é mortal, nascida de pai mortal, mas também bela, nascida de mãe igualmente bela. Foi criada pelas Ninfas e ensinada pelas Musas a tocar flauta e a cantar qualquer melodia ao som da lira e da cítara, de modo que ao atingir a flor da mocidade passou a acompanhar as Ninfas na dança e as Musas no canto. Fugia de todo o contacto com o sexo masculino, tanto de homens como de deuses. Ora, Pã encolerizou-se contra a jovem, invejando-lhe a música e não lhe conseguindo tomar a formosura. Por isso, fez recair um estado de loucura sobre os pastores e os cabreiros. Estes, como cães ou lobos, despedaçaram-na e espalharam as partes do corpo por toda a terra, ainda quando cantavam. Por simpatia para com as Ninfas, Geia cobriu todos os membros da jovem, preservando assim a melodia que deles emanava; e, por vontade das Musas, a jovem solta ainda a sua voz, imitando todos os sons — de homens, deuses, instrumentos e animais —, tal como outrora fizera. Imita até o próprio Pã a tocar flauta. E ele ao ouvir vai saltando

¹⁵ Ninfas dos freixos, também conhecidas por Melíades (o seu nome é formado a partir de *μελία* que significa “árvore de freixo”). Cf. Hesíodo, *Teogonia* 187; Calímaco, *Hino a Zeus* 47.

¹⁶ Ninfas das árvores, em geral, e dos carvalhos, em particular (o seu nome é formado a partir de *δρῦς* que significa “carvalho”).

¹⁷ Ninfas dos pântanos (o seu nome tem na sua base o adjectivo *ἐλειος* que significa “que vive nos pântanos”).

pelos bosques em perseguição do som, não procurando encontrar mas antes conhecer a identidade do seu discípulo oculto.”

Quando Dáfnis terminou de contar a história de Eco, Cloe não lhe deu apenas dez beijos, mas beijando-o com ternura deu-lhe muito mais do que uma dezena de beijos. Pois a verdade é que também Eco repetiu a mesma história, como para testemunhar que ele não havia dito falsidades.

EDIÇÃO

REEVE, Michael D. (1982), *Longus. Daphnis et Chloe*, Leipzig.